

MARC LEVY

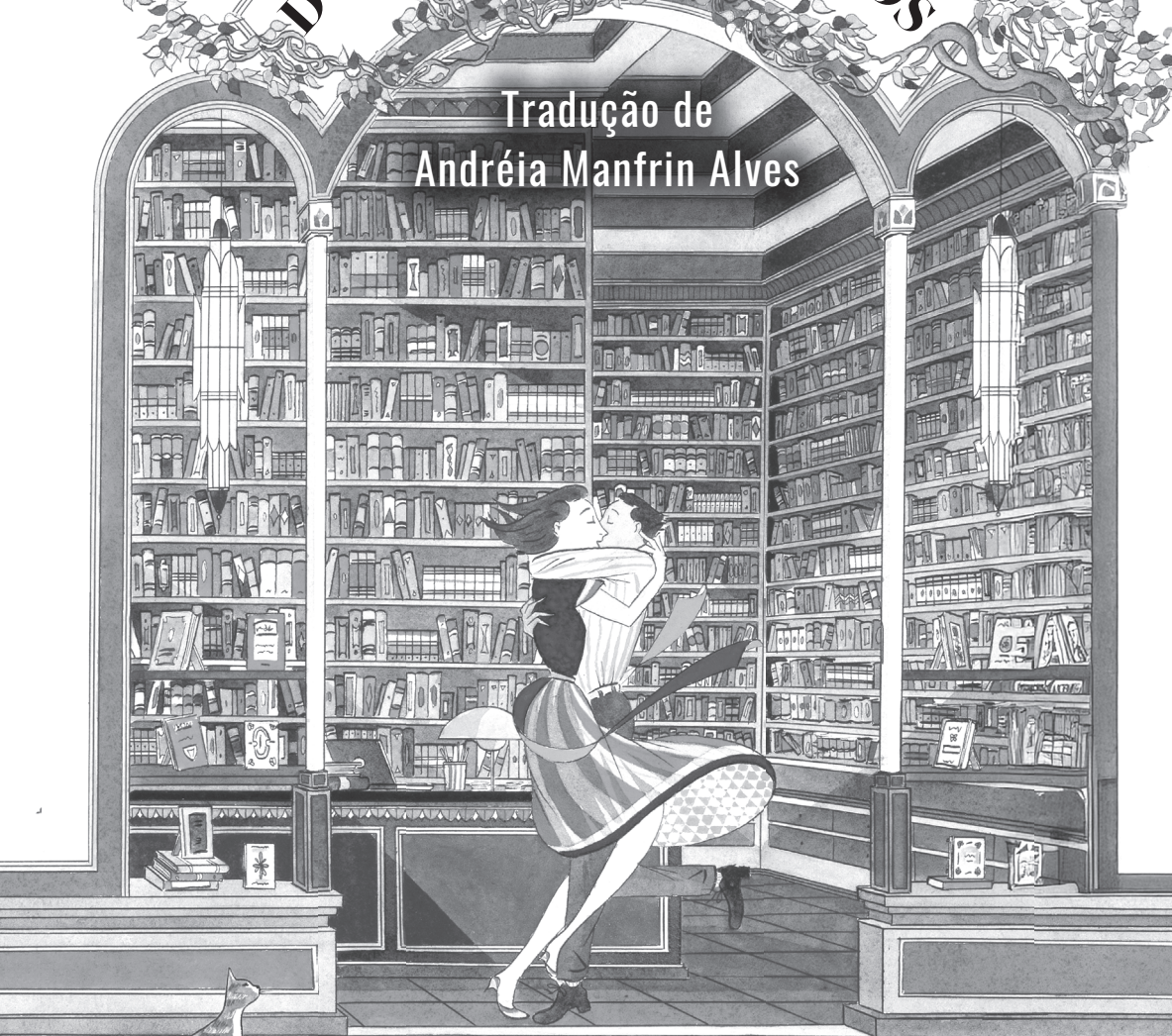
A LIVRARIA DOS LIVROS PROIBIDOS



MARC LEVY

A LIVRARIA DOS LIVROS PROIBIDOS

Tradução de
Andréia Manfrin Alves



*Desde que eu não fale nem da autoridade,
nem de política, nem da moral,
nem do governo, nem da ópera,
nem dos outros espetáculos, posso
imprimir tudo que quiser, sob supervisão,
contudo, de dois ou três censores.*

Pierre Beaumarchais – As bodas de Fígaro







1. Mitch

ELE ESTAVA EM PÉ DIANTE DA MESA DE MADEIRA, AS COSTAS UM pouco curvadas para encher a taça sem derramar. O rádio tocava uma melodia longínqua, uma mistura de rap e bossa nova, tão indefinida quanto o gato de rua que resolveu morar no pátio interno atrás da livraria. Mitch o encontrou quando saiu da prisão há um mês. O animal deve ter se instalado enquanto ele cumpria sua pena. Em cinco anos de ausência, uma camada espessa de pó entrara sem ser convidada, e um gato mal-encarado aparecera do lado de fora. Como nada lhe foi roubado, Mitch, cuja alma sonhadora tinha muita imaginação, concluiu que o felino tinha cuidado do lugar e dissuadido os vagabundos. Motivo suficiente para se apegar ao bichano e alimentá-lo à noite antes de fechar a loja. O gato, no começo desconfiado, acabou deixando que ele se aproximasse, mas por mais que o livreiro tentasse, nunca quis entrar no depósito, mesmo nas noites em que caía um pé d'água.

O verdadeiro nome de Mitch, escolhido por seus pais muito antes do seu nascimento, era Michel, mas sua mãe, uma encadernadora de livros apaixonada por filmes *noir*, sempre o chamou de Mitch. Seu pai, um trabalhador comum, porém muito culto, tinha começado a labutar numa gráfica aos 15 anos, e lá ficou até sua morte acidental aos 51. Durante uma operação de lubrificação, o batente de segurança da rotativa cedeu e a máquina engoliu o mecânico, soltando uns estalos sinistros enquanto ele passava entre os dois rolos. Um fim cruel para um homem cujo único luxo foram os livros.

Seu pai e ele eram próximos, passavam um bom tempo consertando coisas, jogando xadrez nos domingos chuvosos e bola quando o tempo permitia, mas, por pudor, evitaram se conhecer. Suas vidas tinham se escondido por trás de personagens de romances, e a transmissão de

valores era feita por meio de conversas que falavam de paixões, andanças, esperanças, solidões e bebedeiras.

Foi só depois de um ano de sua morte que Mitch compreendeu a dimensão da herança que o pai lhe deixou, e isso acontecia sempre que o via nas páginas de um livro, geralmente em papéis secundários. Mitch o encontrava sob a pena de Hemingway, Yates, Bowles e em frases ou expressões que o pai tinha adotado como suas. Palavras simples, como ele gostava. Quando Mitch, adolescente, o questionou sobre a existência de Deus, o pai respondeu: “O ceticismo começa quando, sentado numa igreja entre um policial e uma freira, você se dá conta de que sua carteira desapareceu”; numa noite, quando ele reclamava de seus professores, o pai o consolou dizendo: “Olha o meu exemplo, eu sobrevivo, eu resisto – ele fez uma pausa –, tenho o controle da situação”, e, tal qual um remédio infalível às inquietações de sua esposa todo fim de mês, ele repetia: “Não se preocupe, verá que tudo dará certo”.

Tanto na gráfica como no bairro, as pessoas achavam divertida, surpreendente e às vezes suspeita a forma como seu pai falava. No fim das contas, Mitch era provavelmente quem melhor o compreendia, mesmo sem nunca conseguir saber se o jeito do velho – pois o trabalho o desgastou mais rápido que o natural e ele acabou envelhecendo antes do tempo – era ou não emprestado de alguma obra de ficção.

Três semanas depois do acidente fatal, sua mãe vendeu a casa da família e foi viver na beira da praia. Mitch recebeu de um notário uma proposta de herança mais modesta, sob a forma de economias depositadas numa conta poupança em seu nome. Não era nenhuma fortuna, mas uma quantia suficiente para ele comprar uma quitinete para si, e para o pai uma sepultura mais bonita do que o retângulo de grama sob o qual ele jazia. Mitch gastou até o último centavo para construir um templo que o tornaria eterno, uma bela livraria situada a dois passos da estação de trem. Ele não escolheu o local ao acaso, seu pai passara grande parte da vida nos trens do subúrbio. Duas horas de manhã, o mesmo à noite, que ele consagrava inteiramente à leitura, chegando a passar da estação onde deveria descer. Milhares de amanheceres e de crepúsculos devorados pela janela, sentado num banquinho, longe do conforto de uma poltrona de primeira classe, mas, como ele gostava de repetir: “Comigo os livros viajam”. Uma citação cujo autor Mitch ainda não havia identificado.

Nessa noite de primavera em que o céu azul tinha mordiscado as nuvens, Mitch tomou uma taça de gim num só gole. O álcool o fez tossir. Ele não gostava de beber, era só para limpar a garganta das impurezas ingeridas durante uma grande faxina. Desde que saiu da prisão, ele passava o tempo limpando as mesas, lixando e polindo o balcão, esfregando o chão, tirando pó das estantes, espanando cada livro com uma flanela seca para reavivar as bordas e as capas. Amanhã, domingo, fará os últimos retoques, e quando a vitrine voltar a ser transparente, ele vai se permitir uma tarde de repouso. E finalmente chegará o dia da reabertura oficial.

Como as paredes da livraria e da quitinete que ele ocupava na periferia lhe pertenciam, Mitch tinha meios para manter seu comércio de vento em popa. Desde que ficasse atento, e que a clientela aparecesse também. Por sorte, sua condenação não tinha sido acompanhada por uma multa ou por uma penhora dos seus bens; o juiz deve ter pensado que tirar cinco anos de sua vida bastava. Os editores, que ao menos desta vez entraram num acordo, abriram mão de recuperar os livros no depósito e liquidaram sua dívida. O estoque estava datado, mas os clássicos continuavam atemporais, a seção infantil conservava seu frescor, a papelaria não envelhecia. Munido de paciência e otimismo, Mitch estava decidido a retomar sua vida de antes.

Ele despejou uma xícara de ração numa tigela funda que tinha levado, apagou a luz, acionou o alarme e saiu para o pátio a fim de entregar a refeição ao seu fiel guarda noturno, que se precipitou na direção dele ronronando. Assim como toda noite desde que deixou a prisão, Mitch olhou na direção da escotilha de carvão que dava acesso ao porão. Ele ainda não teve coragem de voltar lá embaixo. Quando se aproximou, as lembranças ressurgiram. Talvez um dia ele conseguisse, mas por enquanto ainda era muito cedo, muito doloroso.

Mitch tinha dez minutos para subir no último trem, que não podia perder se quisesse dormir em sua cama naquela noite. A estação não ficava longe; ele chegaria a tempo, mesmo mancando de uma perna.

Ele se despediu do gato e subiu a viela.



2. HB 1467

Cinco anos e meio antes

ALGUÉM TINHA ENTRADO NO DEPÓSITO, ELE TINHA CERTEZA. Mas para quê? Não havia nenhum objeto de valor, ao menos não do tipo que a maioria dos homens cobiça, e ele não deu falta de nada. Mitch conhecia tão bem seu espaço que qualquer anomalia o deixaria alerta. Um livro não estava empilhado corretamente sobre os outros, como se o intruso tivesse pegado a obra e a colocado de volta, mas não exatamente no lugar onde a encontrou. Uma constatação duplamente estranha, pois ele tinha certeza de ter deixado no alto da pilha um exemplar de *O conto da Aia*, mas o que ele estava vendo era *O vermelho e o negro*. A fechadura da porta que dava para o pátio interno estava intacta, o tapete que cobria a escotilha não tinha sido deslocado. Ele o comprou num mercado de pulgas numa terça chuvosa, duas semanas antes da promulgação da lei HB 1467¹, que mudou sua vida. Mitch varreu essa lembrança da mente e se concentrou no que o ocupava. Impossível alguém ter se aventurado na livraria nas horas em que estava fechada, pois o alarme teria sido acionado. Por onde o intruso tinha passado e qual era o objetivo da sua visita noturna?

Ele examinou o local, pensativo e inquieto. Se o que ele pressentia se confirmasse, era preciso encontrar o mais rápido possível um lugar para esconder seu tesouro. Transportar 150 quilos de mercadoria era

1 A lei HB 1467 (House Bill 1467) é um estatuto do Estado da Flórida, aprovado em 2022, e que regula os livros que existem nas escolas públicas do Estado. Ela ficou conhecida por proibir as escolas públicas de promoverem “discussões em sala de aula” e de darem instruções sobre “orientação sexual ou identidade de gênero” nos anos iniciais da escolarização.

impensável e ele não podia contar com a ajuda de outras pessoas sem que lhe fizessem perguntas.

Talvez tenha sido a complexidade da tarefa que o fez entrever a possibilidade de um roedor ser o culpado. Um rato, tomando impulso, poderia ter deslocado *O vermelho e o negro*. A edição de bolso não devia pesar mais do que 100 gramas.

Essa hipótese o tranquilizou. Ele colocou o livro de volta no lugar, inspecionou mais uma vez o local, por desincumbimento de consciência, e voltou para trás do balcão.

Mitch deveria ter escutado seu instinto. Ceder à facilidade faria dele um criminoso.

*

Como todas as manhãs, Mitch desceu do trem na estação Central às 7h45. Ele vestia um sobretudo, uma calça azul marinho, uma camisa branca e seu boné de beisebol. Como fazia toda manhã, ele parou no caminho para comprar um café que tomou no balcão da estação, passou os olhos pelas manchetes de um jornal abandonado por um cliente e suspirou. Desde as eleições, os aliados do governador tinham assumido o controle da imprensa e mais nenhuma redação se permitia criticar as decisões do poder. Mitch deixou algumas moedas num pratinho, saudou o dono e seguiu caminho.

Ele entrou na viela às 8 horas, fazia um dia bonito, era o início de um dia típico de outono, exatamente como ele gostava. Mitch gostava da rotina, precisava dela. Ter uma livraria sem nenhum funcionário demandava uma disciplina rigorosa e uma metodologia. Era preciso abrir as caixas, redigir os resumos dos livros que seduziriam os clientes, decidir a organização dos exemplares sobre as mesas, cuidar da contabilidade – algo que ele fazia às segundas, nas horas mais calmas –, tirar o pó das prateleiras – o que ele fazia às terças e sextas antes de abrir – e, é claro, receber os visitantes com um sorriso. Ele aguardava as quintas-feiras mais do que qualquer outro dia, pois era quando recebia seus pedidos. Nos pacotes podia estar escondido algum tesouro a ser adicionado à sua coleção.

Ele ocupava suas noites procurando o tal tesouro entre os romances que sondava com uma alma de explorador.

A busca pelo Graal começava assim que ele se sentava no trem. Ao chegar em casa, ele ia direto preparar o jantar. Sentado à mesa da cozinha, ele retomava a leitura, que seguia depois até a sala e depois de tomar banho e escovar os dentes, indo até o quarto na hora de dormir. Mesmo aos sábados, no restaurante, ele jantava na companhia de um livro. Mitch não era um solitário, ele tinha como amigos personagens de ficção, e os amava da forma mais sincera do mundo.

Estranhamente, a lei HB 1467 não proibia a publicação dos livros banidos, tampouco a leitura deles. Era proibido apenas aos livreiros vendê-los e aos bibliotecários indicá-los. O legislativo encontrou um meio de não chamar de “censura” o que não deixava de sê-lo.

*

Quando Mitch ouviu falar pela primeira vez do projeto de lei HB 1467, ele inicialmente achou que era uma farsa, um artifício de campanha eleitoral. Era impossível um texto tão hermético ter sido pensado por um só homem. Foi necessária a intervenção de vários cérebros doentes para imaginar algo tão maquiavélico. Um paradoxo, já que o governador que reivindicava sua autoria alegava estar pondo em prática a vontade de Deus e daria à população todos os seus direitos. À primeira vista, essa lei tinha por único objetivo banir livros prejudiciais à coesão social, mas quanto mais Mitch estudava os artigos, mais compreendia que os autores amadureciam a ideia de transformá-los no alicerce de uma mudança profunda e duradoura.

Há alguns meses, o governador estava atrás nas pesquisas. Sua eleição foi construída numa campanha baseada no medo incutido nas mentes; um medo que nasceu de uma teoria pomposamente intitulada de “a grande substituição”. A ideia era relativamente simples: estrangeiros invadiam a nação aos montes, acarretando uma guerra velada e silenciosa. Mas as estatísticas eram implacáveis: os estrangeiros só representavam 10% da população e esse número estava estagnado há 20 anos.

Aqueles que tinham cargos na indústria, no comércio ou no serviço público, como em hospitais, escolas etc., viviam em diferentes bairros da capital e de sua periferia. Mitch morava num prédio modesto povoado por uma outra categoria, aqueles que chegavam e partiam com as estações, para plantar as sementes, colher as frutas e os legumes ou ainda para

trabalhar nas vindimas. Desde que os agentes da imigração provavam um zelo inédito, aplicando a tolerância zero, os apartamentos do seu prédio tinham se esvaziado. Um vazio que era possível sentir até nos campos, onde os exploradores agrícolas não conseguiam mais dar conta de suas colheitas. As frutas apodreciam nos pomares, enquanto as prateleiras das vendas e dos grandes supermercados tinham uma aparência triste.

Como o final do seu primeiro mandato se aproximava, e os estrangeiros tinham, em sua maioria, decidido ir oferecer seus serviços em terras menos hostis, o governador, que estava carente de bodes expiatórios, teimou e começou a criticar os estrangeiros no exterior. Lá os números falavam por si só, já que tudo se enredava. Criticou-se a concorrência desleal praticada pelos países vizinhos, e todas as fontes de informação que não provinham do governo foram cortadas, começando pelas redes sociais. A um ano das eleições, era preciso com urgência encontrar um novo inimigo contra o qual unir o povo. O porta-voz do governador, um antigo cronista cuja profissão consistia em passar de um a outro programa de tevê, escarrava sobre tudo de ruim que pensava sobre os perigos da diversidade e da modernidade. Segundo ele, o único futuro possível estava no passado, um argumento incontestável porque todo mundo concordava em dizer que “antes era melhor”. O legislativo não tardou em identificar a fonte do mal: livros demais pervertiam a juventude, dando-lhe pensamentos indecorosos, vontades impróprias e sentimentos inúteis. Era preciso se proteger o quanto antes desse veneno que os contaminava junto com seus pais.

Algumas semanas depois da ratificação da lei pelo governador, uma lista de 1400 títulos agora proibidos de serem vendidos ou consultados foi enviada a todos os livreiros e bibliotecários do país.

No meio de tantos livros, *Ilíada* e *Odisseia* de Homero, *O retrato de Dorian Grey*, de Oscar Wilde, *O pai Goriot*, de Honoré de Balzac, *Sodoma e Gomorra*, de Marcel Proust, *O quarto de Giovanni*, de James Baldwin, *A cor púrpura*, de Alice Walker deviam ser retirados das prateleiras. E logo receberam uma lista complementar. Rapidamente acrescentaram a literatura que corria o risco de dividir a sociedade, desonrando-a e culpando-a por um passado que não lhe pertencia. Os livros que instruíam sobre escravidão, racismo, machismo, os abusos de poder e as ditaduras e seus crimes, a obra completa de Toni Morrison, o *Diário de Anne Frank* e muitos outros também iam desaparecer. Mitch perdeu toda a vontade de sorrir.

Nesse dia de outono que, contudo, tinha começado bem, um fiscal da segurança pública apareceu na livraria e tudo foi por água abaixo. Enquanto do lado de fora se ouvia o burburinho da cidade, o alvoroço das buzinas, os gritos dos homens na avenida, o fiscal, com sua roupa cinza-chumbo, inspecionou as mesas e estantes, arrumando os óculos redondos fundo de garrafa que deslizavam de forma irritante na curva do nariz. Com ombros caídos, semblante sério, mas cheio de satisfação, ele tomou o *Diário de Anne Frank* e entregou a Mitch, com um ar indulgente, uma primeira advertência. Acrescentou que retornaria um dia para verificar se não havia mais livros proibidos nas prateleiras. Do contrário, seria obrigado a ordenar o fechamento administrativo do local; oito dias seria a pena aplicada na segunda infração. O livreiro foi tomado por uma grande raiva. O fiscal partiu sem dizer uma só palavra e Mitch baixou a porta de ferro. Um nevoeiro acabava de estragar seu dia, que acabara de sair da sua preciosa rotina. Ele precisava de tempo para recuperar o ânimo.

Ele não voltou a subir a porta de ferro e passou a tarde contemplando suas estantes. Quando anoiteceu, não subiu no trem que costuma levá-lo para casa.

Mitch decidiu que iria mudar o curso da sua vida: resistir ao absurdo. Armado com uma picareta, uma pá e um balde, abriu a escotilha de carvão e desceu até o porão.

O antiquário que lhe cedeu a loja segredou a ele que o subsolo tinha uma sala secreta, escondida atrás de uma parede de tijolos. Segundo a lenda, no início do século anterior, um comerciante guardava ali bijuterias e obras de arte de procedência incerta.

— Em outras palavras, um receptor — concluiu Mitch.

— Em outras palavras — o antiquário repetiu —, mas é só uma lenda, e se realmente aconteceu, foi no início do século passado. Eu nunca bebi dessa água — ele acrescentou com a mão no peito.

— Por que o comerciante emparedou este cômodo? — Mitch perguntou, surpreso.

— Um informante o teria avisado que um cliente insatisfeito o tinha dedurado e a polícia se preparava para fazer uma busca no local. Depois de guardar seus bens mais preciosos durante a noite, para apagar qualquer vestígio dos seus negócios, ele construiu a parede sozinho.

— Mas se ele esvaziou o esconderijo, por que se dar todo esse trabalho?

— Ele não tinha tempo para sumir com todos os móveis no lugar onde armazenava sua mercadoria. Prateleiras, baús e, segundo me disseram, uma caixa-forte intransportável sem chamar a atenção. Era mais prudente que tudo desaparecesse com o passado dele.

Mitch, cuja imaginação era bastante fértil, ponderou que essa história não deveria ser tão antiga quanto alegava o antiquário.

— E quem lhe contou tudo isso? — ele perguntou com um ar de diversão.

— O homem de quem comprei este imóvel, há muito tempo. Agora que o senhor é o novo proprietário, eu também precisava lhe contar — ele respondeu enquanto assinava o documento de venda.

Eles pararam por aí.

Quando os fusíveis apresentavam algum problema e Mitch tinha que descer até o subsolo, ele fixava a tal parede e se perguntava se aquela sala secreta realmente existia por trás dos tijolos.

A livraria lhe consumia muitas horas de trabalho para que ele encontrasse tempo para averiguar isso.

Se a história não passava de uma fábula, a parede que ele estava prestes a quebrar poderia ser resistente. Um risco que Mitch levou em consideração no momento de erguer a picareta. Ele a soltou, subiu para buscar a lanterna que guardava no balcão da livraria e logo retornou.

A iluminação das lâmpadas que pendiam do teto do porão não era grande coisa. Mitch apontou o feixe da lanterna para a argamassa, que examinou com bastante atenção. Não era preciso ser um expert em construção civil para ver que o trabalho tinha sido feito por alguém que sabia o que estava fazendo, ou que se esforçou muito para que ninguém supusesse que os tijolos tinham sido colocados de qualquer jeito. As linhas da argamassa eram regulares e bem lisinhas.

Ele olhou em volta e estimou que o local onde estava representava somente um terço da superfície do solo da livraria. De acordo com seus cálculos, o depósito e a parte atrás do balcão, o que era bastante promissor. Mitch pegou a marreta, respirou fundo e bateu. Na primeira batida, um tijolo rachou. Ele bateu de novo, depois mais três vezes, sem conseguir nenhum resultado. Por mais que tivesse menos urgência do que o receptor, ainda assim ele estava sendo pressionado pelo tempo e redobrou os esforços. O calor subia por seus braços, ombros e costas,

onde o suor já escorria. Ele tirou a camisa, atirou-a sobre a escada que dava acesso à escotilha de carvão e, de torso nu, continuou marretando com toda força.

Um pedaço grande de cimento finalmente cedeu aos seus ataques e Mitch visou essa fratura para continuar sua obra de destruição. Três tijolos oscilaram feito dentes de leite prestes a cair. Ele abandonou a marreta, enxugou a testa e subiu para buscar um martelo e uma grande chave de fenda na caixa de ferramentas.

Alguns minutos depois, ele enfim conseguiu arrancar vários tijolos, abrindo um espaço largo o suficiente para a lanterna passar. Com o rosto colado na fenda, ele soltou um “Caramba, o que é isso?”.

O feixe de luz iluminava as prateleiras de estantes que ocupavam duas paredes compridas, que provavelmente se estendiam até a vitrine da livraria. Ao menos foi o que ele supôs, pois a lâmpada não era potente o suficiente para revelar toda a extensão da sala secreta. Com os olhos semicerrados, ele avistou três baús alinhados lado a lado, uma mesa ainda coberta com o que parecia ser um lençol velho ou uma toalha de mesa. Ele também viu duas poltronas de frente uma para a outra, separadas por uma mesinha de centro, e não muito longe, a ponta arredondada de um balcão e uma fileira de banquetas. Diante dessa descoberta, ele entendeu melhor a pressa do receptor em sumir com o que não era simplesmente um lugar para guardar mercadorias roubadas, mas um espaço de convivência, uma espécie de clube privativo onde seus clientes pouco meticulosos deviam se reunir para falar da origem dos bens que compravam e dos ladrões que os vendiam para eles.

A pergunta sobre a existência de Deus se impôs a Mitch durante seus estudos, e a morte prematura do pai lhe trouxe a resposta. O mundo era muito falho e medíocre para dar tanto crédito a quem o criou. Na véspera, ou talvez na antevéspera, era difícil se lembrar com a empolgação que estava sentindo, ele soube que o grande chefe de um consórcio aeronáutico tinha sido demitido em razão de um caso de corrupção; séculos e séculos de guerras, de fome, de catástrofes e de injustiças, e continuavam venerando o grande gestor. Mitch não era religioso, mas diante das circunstâncias que o ocupavam, o que ele tinha acabado de descobrir debaixo de sua livraria parecia, senão um milagre, uma providência. Reanimado, ele pegou a picareta de volta e bateu até abrir espaço suficiente para poder adentrar na obscuridade.



3. Anna

NA BRASSERIE *AUX TROIS COUSINS*, OS PEDIDOS SE ACUMULAVAM NA cozinha. Todos respondiam às ordens do cão feroz que os acelerava. Perto da despensa eram preparadas as entradas frias, sobre o forno industrial trabalhavam-se os pratos, e os cozinheiros responsáveis pelos molhos esperavam os pratos saírem para darem o toque final. Anna ficava a postos para levar os pratos que o chef verificava antes de liberar.

Anna era uma jovem cheia de vida, uma trabalhadora sem igual; ela tinha seus altos e baixos, mas fora algumas manhãs enfadonhas, irradiava uma natureza alegre. Trabalhar nessa grande brasserie era uma bênção para ela, só conseguiu ser contratada depois de mentir sobre seu passado. Terceiro lugar no concurso do Instituto de Culinária, dois anos em segundo lugar no restaurante do Rodrigo Perez em Buenos Aires, outros três como *sous-chef* no Pontillac em Washington, ela tinha um currículo digno de chef, mas que levantaria suspeitas para alguém se candidatando ao cargo de garçom. Toda sua experiência era em restaurantes renomados, mas pequenos, e queria aprender sobre o funcionamento de um grande salão.

Nada denunciou seu nervosismo quando o tilintar do sino deu o sinal da partida. Ela pegou dois soles meunières² e dois tournedos Rossini³ antes de ir para a antessala. Chegar ao salão, servir os pratos antes que eles esfriem, voltar à cozinha e repetir esse procedimento a noite toda demandava uma energia atlética, um senso de equilíbrio e de antecipação.

2 Soles meunières é um clássico prato da culinária francesa, cujo nome completo é “*sole à la meunière*”. Em português, pode ser traduzido como linguado à moda do moleiro.

3 Tournedos Rossini é um prato clássico da alta gastronomia francesa, famoso por sua sofisticação e riqueza de sabores. Foi criado em homenagem ao compositor italiano Gioachino Rossini, que era também um grande amante da boa comida.

Uma manobra muito brusca para desviar de um funcionário desajeitado e o estrondo da louça marcaria o fracasso de seu plano.

Escondida na mão esquerda, uma pipeta de plástico lhe permitiria executar sua missão. Uma leve pressão e algumas gotas de um líquido inodoro e insípido seriam colocadas nos pratos. Ela tinha treinado em casa, indo da cozinha à sala, os braços pesados como esta noite. Ela aprendeu a mover os quadris de forma que pudesse navegar entre os obstáculos, deslizar a pipeta, pressioná-la entre o mindinho e o anelar antes de escondê-la em sua manga. Anna repetiu o movimento ao longo de manhãs inteiras, até dominar perfeitamente esse truque de mágica. Por volta da meia-noite, mais ou menos três horas antes de terminar a refeição, o superintendente-chefe Jabert foi tomado por espasmos, seguidos de náuseas, e mais tarde por vômitos violentos e, ao amanhecer, já quase sem forças, sentiu ardência ao ir no banheiro.

Ele acusou o restaurante de tê-lo intoxicado com um peixe podre. Uma conclusão precipitada, mais um erro para sua conta, pensou Anna, e certamente não o último deles. A dose não era letal, apenas o suficiente para deixá-lo bastante indisposto.

O superintendente-chefe Jabert não era o que se esperava de um chefe de polícia. Magrelo, mandíbula levemente proeminente, nariz reto e fino; olhos fundos, não era dado a beber demais, não fumava e não era mais corrompível que a média. Seus dois vícios eram a comilança e a vulgaridade; nesse último quesito, poucos homens eram páreos para ele. *Aux Trois Cousins* era uma parada obrigatória para os turistas que o gerente sempre instalava no andar de cima. Walter reconhecia sua clientela com a destreza de um fisionomista. Com um tom bajulador, usava o nome de família dos habitués como outros servem espumantes, com generosidade e bom grado, já que isso custa pouco ou quase nada.

O superintendente-chefe Jabert se sentia em casa ali, e também por toda parte da cidade, e tinha inclusive sua mesa preferida. Afeito a gestos inapropriados, ele tinha o prazer sádico de cometer pequenas violências que deleitam aqueles que, protegidos por sua autoridade, acham que podem tudo. Cada vez que o superintendente-chefe Jabert vinha jantar, sem nunca pagar a conta, ele se divertia acariciando a bunda das garçonetes e sussurrando no ouvido delas palavras grosseiras quando se inclinavam para colocar o prato na mesa.

Desde suas primeiras noites no salão, como era a nova funcionária, Anna ficou encarregada da mesa dele. As outras garçonetes lhe deram

dicas: nunca cruzar o olhar com o dele, não demorar, não responder às perguntas sobre o menu, sair assim que os pratos tiverem sido servidos. Jabert era intocável e se permitia tocar o que bem quisesse e quando quisesse. Ela ia ter que se acostumar, disseram, engolir seu amor-próprio e um pouco da sua dignidade a cada humilhação. Mas ninguém lhe disse que o superintendente-chefe Jabert, que logo a colocou na mira, a esperaria no fim do expediente, de tocaia dentro do carro estacionado na viela.

*

Isso foi há um mês, perto da meia-noite. Jabert a atacou quando ela tirava o lixo. Ele a empurrou contra um contêiner, colocou os lábios em seus seios e lhe deu uma bofetada quando ela arranhou o rosto dele enquanto se debatia. Se o *sous-chef* não tivesse saído ao ouvir os gritos, justo quando Jabert enfiava uma mão debaixo da saia de Anna e abria o zíper da calça com a outra antes de penetrá-la ao mesmo tempo que a estrangulava, ele teria levado aquele crime horrendo até as últimas consequências. Mas José, o *sous-chef*, agitava uma faca de açougueiro e seu olhar foi expressivo o suficiente para que Jabert, mesmo do alto de seu poder, pensasse duas vezes. Ele esboçou um grande sorriso, e quando o *sous-chef* avançou em sua direção com sangue nos olhos, ele murmurou: “Tá legal, eu bebi um pouco além da conta, não fiz nada demais, a gente só estava se divertindo. Não banca o idiota que você vai se arrepender. Vamos fingir que não aconteceu nada, nadinha mesmo, só uma brincadeirinha à toa. Ninguém aqui quer problemas, nem você nem a mocinha aí.”

Jabert ergueu a gola da blusa na nuca, imitando de um jeito bem patético os policiais dos filmes que admirava e aos pés de quem jamais chegaria. Jabert já nasceu ruim, se tornou um péssimo policial e seria um homem horrível para sempre.

José levou Anna até a copa num estado deplorável, as alças do avental rasgadas; a bochecha direita com a marca escarlate da bofetada que recebera; os ombros latejavam, o pescoço tenso e o estômago doía. Eles compartilharam em silêncio o que ambos já tinham entendido. A palavra da vítima não vale nada contra a do carrasco. Fazer uma queixa contra um comissário de polícia só acrescentaria humilhação à humilhação, brutalidade à violência, terror à selvageria. E essa constatação de impotência

piorava ainda mais a dor. José serviu um copo grande de licor e pediu que ela tomasse tudo num gole só. Depois chamou um táxi para levá-la para casa e pagou a corrida. Ele também sugeriu que ela tirasse uns dias de folga. Mas, no dia seguinte, Anna se apresentou no trabalho como se nada tivesse acontecido. Seus olhos cruzaram com os do *sous-chef* com cumplicidade: nada aconteceu. Exceto para Anna que, apesar das suas muitas qualidades, era particularmente vingativa e habilidosa, com uma imaginação que aprendeu a usar para seu proveito.

*

Um mês depois, Jabert, de volta em casa, se contorceu de espasmos e passou a noite vomitando as tripas. O plano de Anna tinha funcionado como previsto, a não ser por um detalhe. No dia seguinte, perto do meio-dia, o comissário-chefe que estava cada vez pior se arrastou até o telefone e chamou por socorro. Ele foi levado ao hospital, mas os exames não foram conclusivos. Doze horas tinham se passado desde os primeiros sintomas, a origem do veneno já não era mais detectável. O médico plantonista diagnosticou uma intoxicação alimentar severa e, ao contrário do que Anna supunha, desta vez Jabert foi incapaz de tirar conclusões precipitadas.

Assim que saiu do hospital, ele foi à delegacia central e ordenou que dois policiais à paisana fossem buscar o *sous-chef* do *Aux Trois Cousins* o mais rápido possível. Quando José entrou em seu escritório, Jabert, ainda muito indisposto, sorriu ironicamente – aí estava sua revanche. O controle sanitário seria conduzido aos seus cuidados e ele era capaz de obter sanções exemplares, ou até mesmo o fechamento do estabelecimento caso o *sous-chef* não reconhecesse sua negligência e pedisse demissão. José permaneceu indiferente, todos os peixes servidos em seu restaurante chegavam na mesma manhã em que eram servidos. Ele perguntou ao comissário se ele tinha provas para a acusação e, sem esperar pela resposta, deixou o escritório.

Felizmente para a brasserie *Aux Trois Cousins*, a investigação parou ali, graças a uma sequência de erros. Começando pelo médico plantonista que tinha atendido Jabert: se ele tivesse feito o diagnóstico correto e receitado o tratamento adequado dentro do prazo, seu paciente teria tido grandes chances de se recuperar. Mas não foi o que aconteceu e, na noite seguinte, Jabert teve uma enxaqueca terrível. Encolhido em sua cama, ele

foi tomado por uma hipotermia e começou a tremer de forma violenta antes de convulsionar.

O segundo erro, que desta vez não era um detalhe, ainda que involuntário, foi cometido por Anna, por seu conhecimento relativo da química dos cogumelos. Se a dose letal de um *Amanita phalloides* é de em média 30 gramas, a do *Galerina marginata*, cuja toxicidade é seis vezes maior e que é confundido com seu primo *Pholiota adiposa*, correspondia exatamente às três gotas do extrato que ela tinha preparado.

Felizmente para Anna, Jabert tinha inimigos demais para que alguém suspeitasse de uma garçonne por assassinato.

Dois dias depois, quando a morte do superintendente-chefe foi anunciada pela imprensa, José esperou por Anna na entrada dos vestiários. Seus olhares se cruzaram e, mais uma vez, eles se entenderam em silêncio: nada aconteceu. Contudo, Anna entregou seu avental e partiu.

Ela não tinha outra intenção senão fazer justiça, fazer Jabert viver um momento que, ainda que doloroso, jamais seria tão violento e traumático quanto aquele ao qual ele a submeteu.

*

Nesse dia de outono, Anna colocou suas roupas numa mala grande. Ela jantou em sua cozinha na companhia de um livro e dedicou o resto da noite a preparar a casa para uma longa noite de sono. Ela cobriu os móveis com lençóis, fechou o registro de água, o gás e as janelas. Com a fachada de pedra moleto, o pequeno chalé com vista para a linha do trem não parecia grande coisa, mas ela gostava dali e ainda pagaria por muito tempo o financiamento que lhe permitira comprá-lo. Partir sem saber quando voltaria lhe dava um aperto no coração.

Na manhã seguinte, ela pegaria um voo para o Canadá, onde tinha conseguido um emprego de *sous-chef* num restaurante renomado do Quebec. Cargo que decidiu ocupar pelo tempo necessário para economizar dinheiro e realizar seu sonho. E se as coisas tivessem se acalmado, ou, em outras palavras, se o inquérito sobre a morte de Jabert não se concluísse, ela voltaria e abriria seu próprio restaurante.

Enquanto isso, ela jurou nunca mais cozinhar cogumelos.

Leia também



ELIEL BARBERINO

A MISTERIOSA LIVRARIA YOKAI



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA